

1.

Introdução

A epístola de Gálatas é uma obra de grande valor dentro do *Corpus Paulinum*. Trata-se de uma obra com mensagem clara e importante valor para a compreensão das aspirações e divergências da igreja nascente ¹. Alguns especialistas dizem que a epístola aos Gálatas é “o mais paulino dos escritos paulinos, aquele no qual a raiva levou Paulo a dizer o que pensava, deixando de lado a diplomacia” ².

Investigar tal epístola é mergulhar numa obra com bastante força e vida. Para entendê-la faz-se necessário - e semelhantemente em qualquer outro escrito paulino - perscrutar e interpretar à luz da “situação eclesial que provocou a intervenção de Paulo” ³.

Para se perceber a força da sua mensagem, é importante investigar o ambiente político, étnico-religioso, social e de gênero. Desta forma, é necessário investigar as assimetrias existentes na região da Galácia e também no Império Romano. A reconstrução parte do contexto de desigualdades no qual os Gálatas estavam inseridos e assim verifica-se que a proposta revolucionária de Gálatas 3,26-28 propunha mudanças radicais dos paradigmas, transformação na forma de ver, ouvir, sentir e conviver com o outro. É, portanto, emblemático empreender que a mensagem da missiva aponta para uma abertura da igreja, sendo que internamente o texto acabou por se tornar bastante forte e gerador de uma aplicação prática cheia de empecilhos e resistências no cotidiano das igrejas.

A perícope analisada, Gálatas 3,26-28, e semelhantemente toda a epístola aos Gálatas, possui seu arcabouço histórico ambientado na igreja nascente do primeiro século da *Era Cristã*, período em que as assimetrias étnico-religiosas, sociais e de gênero, assim como muitas outras, são presentes e marcantes.

¹ Cf. TAMEZ, E.; *Gálatas*, p.1508. Afirma que: “La Carta a los Gálatas es uno de los documentos del primer siglo más importantes para la historia de la Iglesia naciente y Del pensamiento Cristiano em general”.

² BROWN, R.F., *Introdução ao Novo Testamento*. 621.

³ BARBAGLIO, G., *As cartas de Paulo II*. p.11.

As diferenças religiosas, étnicas, sociais e de gênero presentes na sociedade da igreja nascente da Galácia, gerava diferentes hierarquias, sendo que estas hierarquias por sua vez apontavam para quem detinha o poder e o exercia, assim como quem era subjugado e deveria obedecer.

As assimetrias estavam em toda parte; na perspectiva grega o ambiente familiar oferecia uma visão de como deveria funcionar a *polis*. Assim como homens se sobrepunham às mulheres no lar, assim também se sobrepõem os governantes legítimos aos seus súditos na cidade-estado. Este código fora definido por Aristóteles prosaicamente, vindo posteriormente a ser definido como *política básica*⁴.

A sociedade por todo o Império Romano durante o primeiro século da *Era Cristã*, inclusive a Galácia, possuía uma diversidade e estratificação bastante acentuada. As pessoas tendiam a se identificar a si e aos outros por suas localizações sociais e suas localizações na estrutura social afetavam profundamente suas vidas. Quase tudo era motivo de exaltação e até de imposição sobre o outro. É o caso de pertencer a uma família importante, ter ofício importante, ter realizado alguma façanha importante⁵. Até mesmo as classes consideradas inferiores alardeavam o que pudessem; nas lápides de seus túmulos eram colocados destacadamente s. de *servus* ou *serva*⁶, l. de *libertus* ou *liberta*⁷.

O peso das categorias sociais também tinha relações com a o lugar onde viviam; se em Roma ou nas províncias, se a cidade era grande ou pequena, se era *polis*, vila, cidade ou campo. Havia uma série de sistemas de estratificação. No ambiente político de poder, o topo era onde se encontrava o imperador e as pessoas mais próximas do império, como familiares dos príncipes e seu conselho. O segundo agrupamento mais poderoso era a aristocracia tradicional romana, onde se encontravam os senadores; O terceiro grupo mais poderoso se baseava no fato de que em cada província havia a aristocracia local, apesar de terem sua liberdade

⁴ SOPHOCLES, I. *The complete Greek tragedies*, p.282.

⁵ MEEKS, W., *O mundo moral dos primeiros cristãos*, p.28.

⁶ Cf.; MEEKS, W., *O mundo moral dos primeiros cristãos*. p. 28. Ser *servus* ou *serva*, pode também ser identificado como escravo ou escrava. O fato de ser *servus* dependia muito do fato de a quem servia, isso também base da pirâmide era um fator de distinção e assimetria.

⁷ Cf.: MEEKS, W., *O mundo moral dos primeiros cristãos*. p.28. “*Libertus*” ou “*libertas*”, pode ser identificado como “homem livre” ou “mulher livre”.

e poder limitados, podiam constituir um governo local concessivo, nesse grupo também se juntavam intelectuais, filósofos, mandatários locais, dentre outros ⁸.

As latentes diferenças constatadas na Galácia podem ainda ser aditivadas ao fato de que as questões étnico-religiosas eram fatores de separação e fortes divisões. Os judeus ortodoxos, especialmente os fariseus não se misturavam com os incircuncisos, que eram considerados impuros ⁹. Ser judeu era considerado para muitos um fator de privilégio, que naturalmente imputava na relação com o outro uma autopercepção de superioridade. Quando um gentio quisesse ingressar no judaísmo, precisaria se tornar um prosélito, converter-se aos moldes da *Lei Mosaica*, sendo circuncidado. Essa prática foi condenada por Paulo na epístola aos Gálatas, visto que muitos na igreja cristã nascente queriam repetir os mesmos rituais para ingressar nas comunidades cristãs. É possível pensar que na Galácia os judeus, inclusive os judeu-cristãos tendessem à semelhança dos demais a se distanciarem dos grupos que não fossem judaicos.

Outro motivo de grande assimetria estava na relação dos escravos com os livres, os escravos representavam a classe mais baixa da pirâmide social do primeiro século. A liberdade era algo pessoal, importantíssimo, era a posse mais preciosa para o grego ático e ter autonomia diante dos outros era algo valorizado por estes ¹⁰. Muitos dos escravos eram prisioneiros de guerra, em algumas regiões podiam ser marcados à semelhança dos animais, que eram marcados com um ferro quente em chamas com as inscrições dos seus donos ¹¹.

Aos escravos, na sua grande maioria, salvo raras exceções onde os seus senhores eram mais generosos, estavam reservados o sofrimento e a morte. A perícope que é dirigida aos *irmãos da fé* trata dessa realidade tão devastadora, preconizando e abrindo possibilidades de reflexões sobre uma nova visão do escravo e do livre, numa proposta mais igualitária. Por isso emite um parecer desafiador, onde de forma tácita afirma que estas assimetrias não valem nada

⁸ KARL, C., *Grundfragen der romischen Sozialstruktur*. In Studie zur antiken Socialgeschichte: Festschrift für Friedrich Vittinghoff, pp.197-228.

⁹ GONZAGA, W., *A Verdade do Evangelho e a Autoridade na Igreja*, p. 36.

¹⁰ Percebe-se que no mundo grego, em função dos conceitos filosóficos de liberdade a escravidão era mais repugnada e menos utilizada, apesar de também existir.

¹¹ BROWN, C., *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do novo Testamento*. p. 674.

diante de Deus. O enunciado, portanto, indica e preconiza que a escravidão social deve desaparecer¹².

Diante dos inúmeros empecilhos à unidade da igreja, Paulo preconiza e insere uma missiva forte que possui em si força para fazer refletir e relativizar as diferenças. Na missiva, observa-se um chamado à unidade, alteridade e liberdade, diante de tanta diversidade assimétrica. Para tanto, no segundo capítulo existe um enfoque na exegese da perícopes e na investigação dos principais temas destacados.

A crítica textual não oferece grandes problemas para análise da perícopes de Gálatas 3,26-28, pois não existem notas que mudem significativamente a análise da perícopes¹³, sendo que para a delimitação da perícopes fazem-se necessárias algumas inferências feitas no trabalho, visto que a missiva trata na verdade de um recorte do ato litúrgico batismal, provavelmente utilizado por Paulo para o anúncio em sua carta.

É interessante perceber que o referido anúncio parece ser repetido noutras passagens com bastante semelhança; é o caso de 1 Cor 12,13, Rm 10,12 e Cl 3,11. Diante das semelhanças encontradas nas passagens, existem diversas correntes afirmando que se tratava não de uma fala perdida no meio do texto, mas de um fragmento batismal, uma espécie de profissão proferida no momento em que os irmãos iam passar pelas águas, simbolizando o ingresso na comunidade.

Vários autores afirmam que pelo menos Gl 3,28 era um fragmento batismal, é o caso de Elsa Tamez¹⁴, Brendan Byrne¹⁵, Martyn Lloyd-Jones¹⁶, dentre outros, sendo que existe a possibilidade de através da análise da crítica das formas descrever toda a perícopes de Gl 3,26-28 como uma confissão batismal citada por Paulo¹⁷.

¹² Este pode ser um aspecto utópico naquele momento, visto que a economia em boa parte estava ancorada sobre o trabalho escravo.

¹³ BYRNE, B., *Paulo e a Mulher Cristã*. p.28.

¹⁴ Cf. TAMEZ, E.; *Galatians in the International Bible Commentary a Catholic and Ecumenical Commentary for the Twenty-First Century*. p. 1665-1669. Na referida obra Tamez demonstra que Gálatas 3,28 se tratava de um fragmento batismal.

¹⁵ BYRNE, B., op. Cit., pp.21-38.

¹⁶ Cf. MARTYN, J. L., *Galatians...* p.374. Ele defende Gálatas 3,28 se trata de uma tradição litúrgica do cristianismo primitivo utilizado nos batismos.

¹⁷ MEEKS, W., A. *The image of the Androgyne: Some Use of a Symbol in Earliest Christianity, in History of Religions*. pp. 165-208.

A teóloga Elisabeth Fiorenza apresenta uma série de argumentos ¹⁸ que apontam para o fato de que Paulo utilizou a fórmula e fez acréscimos e que dentre os acréscimos estariam as expressões “pois” e “pela fé em Jesus Cristo” ¹⁹.

A epístola aos Gálatas traz indícios fortes para se pensar na ampliação do anúncio e herança oriunda do reino, o caráter Universal de “*Πάντες*” em Gálatas 3, 26-28, o termo pode ser traduzido por “todos” faz uma indicação do objetivo ao qual estava destinado a evangelização ao qual os batizando participavam. Não eram apenas os Gálatas que eram convidados a fazerem parte na nova comunidade, mas o termo indica que judeus, gregos, escravos, livres, homens, mulheres, ricos, pobres, intelectuais, filósofos, iletrados, alta corte, artesãos, pescadores, soldados, crianças, adultos, sábios e tolos deveriam.

O conceito de *Filhos de Deus* (υἱοὶ θεοῦ), apresentado na perícope é um elemento de unidade e superação rumo às desigualdade, uma vez que nos círculos judaicos esta era uma referência exclusiva aos judeus. Agora, com o texto, o conceito sofre um alargamento sem barreiras, gerando uma mudança radical na forma de visualizar os gentios, os menos favorecidos, os mais discriminados. Se eles também são *filhos de Deus*, indica a não restrição ao Sagrado. Logo, a perspectiva relacional com o outro deveria ser revista.

A fé (*πίστις*) é posta como elemento vital de ligação com o sagrado, diferentemente do que a Lei preconizava, pois era necessária uma série de ritos para se aproximar de Deus. Paulo então recorre a figura de Abraão para defender o fato de este ser justificado não pelas obras, mas pela fé. A lei é posta em oposição à fé ²⁰. Nem todos poderiam retornar no tempo e ser da linhagem de Davi, mas todos podem ter fé na pessoa de Jesus Cristo e a Ele se unir na condição de filhos de Deus.

¹⁸ Nos argumentos apresentados pela teóloga Elisabeth Fiorenza são basicamente os seguintes: 1) A repetição da fórmula em outras partes do Novo Testamento como: 1 Cor 12,13, Rm 10,12, Col 3,11; 2) A mudança de “hemeis” (nós) no versículo 25 para “hymeis” (vós) no versículo 26, com a retomada posterior para “hemeis”; 3) A mudança temática, visto que não vinha tratando da temática do batismo; 4) Situação social como caracterização da questão religiosa; 5) O par “macho” e “fêmea” não desempenha nenhum papel no argumento de Paulo em Gálatas, surge justamente no texto batismal. Para melhor compreensão, pode ser consultada a descrição resumida in FERREIRA, J. A. Tese: *A abertura de fronteiras rumo à igualdade e liberdade: a perícope da unidade em Cristo (Gl 3,26-28)*, p.122.

¹⁹ FIORENZA, E. S., *As Origens Cristãs...* p. 241.

²⁰ DUNN, J., *A teologia do apóstolo Paulo*. p.191.

O batismo (*βαπτισμ*) também é apresentado como elemento de unidade, pois era através do batismo que as pessoas afirmavam publicamente a sua decisão de ingressar na comunidade. Também tinha uma relação simbólica, mais alinhada com a ideia de pureza ²¹. O batismo de Gálatas está estreitamente relacionado ao batismo em Cristo, no seu Espírito, pois de maneira misteriosa aqueles que a ele estão ligados participam da sua vida, morte e ressurreição.

Emerge, a partir da epístola aos Gálatas muitas possibilidades provocadas pela abertura proposta na missiva; as implicações da nova proposta na perspectiva das comunidades cristãs. É possível então identificar nas comunidades da Galácia uma estratificação considerável, visto que vários indícios apontam para o fato da existência de uma multiculturalidade que constituía uma forma de *mosaico vivo* que naturalmente era fator de possíveis conflitos.

Ao repetir a fórmula batismal de Gálatas 3,26-28, apesar de não ser um batismo, Paulo possivelmente estava lembrando aos destinatários o que era falado no momento em que eles passavam pelo batismo. A diversidade era um fator presente, mas não poderia ser empecilho à unidade e alteridade nas igrejas da Galácia.

A superação das individualidades, das vaidades, dos títulos e privilégios em favor de uma proposta comunitária era algo que deveria ser perseguido. O desejo era o de que houvesse comunidade de filhos de Deus que professassem algo maior que eles mesmos; Jesus Cristo. As barreiras da Lei haviam sido retiradas e substituídas pela proposta da *justificação pela fé* e não por outro meio, fosse este ritualístico ou não.

O apóstolo sublinha que os Gálatas passaram por um radical processo de libertação, e, na fé, tomaram o caminho da liberdade, “para a vida de liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5,1 e 5,13). São livres da escravidão e do domínio dos elementos do mundo (Gl 4,3 e 4,9) e das amarras rígidas do processo de salvação, ou seja, da Lei (Gl 3,13). Portanto, pela graça se tornaram livres; livres para amar e servir uns aos outros (Gl 5,13b) ²².

A proposta da perícopa retém em si uma visão revolucionária e, quando analisada do ponto de vista sociológico, representa uma mudança expressiva nas relações humanas de então. A fórmula expressada na missiva mostra uma série de

²¹ BROWN, C., COEBEN, L., *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. p.179.

²² BARBAGLIO, G. *As cartas de Paulo II*, p.13.

mudanças a partir da figura de Jesus Cristo e é nessa base que Paulo se apóia para lançar e, mediado pela fé, propõe rupturas. Uma questão que pode ser levantada é se de fato levantada os ideais paulinos avançaram para uma prática ou fincaram um desejo sem implementação.

Um conflito pode ser melhor percebido ao analisar a epístola; Trata-se da distância entre o anúncio e o cumprimento, entre o desejado e o executado, entre a proposta e o contrato. Quando se olha apenas para a perícopes, pode-se dizer que a mesma possui energia suficiente para propor o rompimento das estruturas conceituais vigentes, mas não é possível utopicamente pensar que, como em um passe de mágica os escravos, que antes eram marcados com ferro em chamas ²³, seriam libertos; as mulheres, que eram consideradas inferiores aos homens ²⁴, uma posse do pai, marido ou até irmão mais velho, seriam finalmente emancipadas e ainda os “gentio-pagãos”, que eram considerados impuros ²⁵, seriam finalmente considerados filhos de Deus sem discriminação. Até que ponto a força da perícopes foi suficiente para a transformação da realidade das comunidades? É plausível dizer que a perícopes marcava internamente um desejo, mas também que sua implementação tinha implicações estruturais não tão fáceis de serem rompidas e mudadas.

A questão é que, quando se olha para as comunidades da Galácia e outras comunidades paulinas, percebe-se que o anúncio traz evidências sobre a não vivência da proposta revolucionária ²⁶. Sabe-se que nas igrejas domésticas houve resistência na aceitação da proposta ²⁷ a escravidão permaneceu existindo, apesar de poder ter havido uma emancipação pelo menos eclesialmente e de continuar a existir a resistência à abertura irrestrita aos gentios, o que foi também foco de grandes disputas ²⁸. Pode-se dizer que a emancipação proposta era vista de certa forma como uma ameaça à estabilidade das próprias igrejas ²⁹.

A perícopes apontava e aponta caminhos, indicava e indica possibilidades de mudanças, expressando um desejo que anuncia o amor que deveria ser

²³ BROWN, C. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do novo Testamento*, p. 674.

²⁴ MAZZAROLO, Isidoro, *O Apóstolo Paulo – O Grego, O judeu e o Cristão*, p. 100.

²⁵ GONZAGA, Waldecir, *A Verdade do Evangelho e a Autoridade na Igreja*, p. 36.

²⁶ É anúncio e ao mesmo tempo denúncia.

²⁷ BYRNE, B. Paulo..., pp.29-30.

²⁸ Tanto que Paulo teve que defender sua postura no concílio de Jerusalém, assim como narra sua repreensão a Pedro em Gálatas 2, 11-14.

²⁹ FERREIRA, J. A. *Não há macho (homem) e fêmea (mulher)*. In “*Estudos bíblicos: Ternura, Cuidado, Resistência*”. p.101.

referencial comunitário, mas que naturalmente precisou conviver com as incoerências e resistências internas da suas próprias comunidades. Portanto, o trabalho em questão ao mesmo tempo destaca o aspecto libertador e revolucionário da perícopes, reconhecendo e fazendo menção ocasionalmente das implicações práticas de tal projeto.

A perícopes oferece referenciais para uma caminhada rumo à maturidade para as igrejas da Galácia; caminhada essa que se inscrevia não através das práticas rígidas da Lei, mas através da fé central na pessoa de Jesus Cristo. A missiva, portanto, ao mesmo tempo em que exigia uma mudança de perspectiva *intrapessoal*, aponta para a abertura em direção a todos os povos, onde as barreiras são retiradas e em seu lugar não entram outras, mas apenas a liberdade oriunda da fé.